

## **FATORES ASSOCIADOS À INATIVIDADE FÍSICA DE ESCOLARES DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DA CIDADE DE PELOTAS/RS**

**TAMIRES CARVALHO MOTTA<sup>1</sup>; FELIPE FOSSATI REICHERT<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal De Pelotas – [tamirescmotta@hotmail.com](mailto:tamirescmotta@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal De Pelotas – [ffreicher@gmail.com](mailto:ffreicher@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a inatividade física é um dos 10 principais fatores de risco de mortalidade global, tornando-se um fator de risco para doenças crônicas não-transmissíveis (DCNTs). Pessoas pouco ativas têm entre 20% a 30% mais risco de morte quando comparadas com aquelas que praticam pelo menos 30 minutos de atividade física moderada na maioria dos dias da semana. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE 2015). Nesta perspectiva alguns fatores estão associados à inatividade física, como por exemplo, aspectos demográfico-biológicos (sexo, idade e etnia) e socioculturais (família e amigos). Junto a isso se faz necessário averiguar a influência que as aulas de Educação Física (EF) na escola têm na prática de atividade física (AF). O estudo tem como objetivo geral: investigar a inatividade física e seus fatores associados em adolescentes escolares de uma instituição pública em Pelotas-RS. Seus objetivos específicos são: descrever a prevalência de inatividade física; verificar se os aspectos demográficos-biológicos (sexo, idade e etnia) e socioculturais (família e amigos) influenciam à inatividade física de adolescentes; analisar se as aulas de Educação Física na escola têm influência na prática de atividade física; investigar se há ações motivacionais, do professor de Educação Física para que os alunos pratiquem alguma atividade física fora do contexto escolar e investigar se há ações motivacionais, do professor de Educação Física para que os alunos realizem as aulas de Educação Física. Trata-se de um estudo transversal, descritivo e de cunho quantitativo, que foi realizado com adolescentes da rede pública da cidade de Pelotas/RS, e aplicou-se um questionário para os mesmos. Verificou-se que os adolescentes do sexo masculino são mais ativos fisicamente, do que as adolescentes do sexo feminino. Em relação aos outros dados demográficos-biológicos não houve diferença significativa. No que se refere aos aspectos socioculturais, concluiu-se que a família e amigos incentivam na prática de atividade física. E por fim, ao falarmos sobre o professor de Educação Física, analisou-se que há ações motivacionais para a participação nas aulas, porém constatou-se que não há ações motivacionais para a prática fora do contexto escolar.

### **2. METODOLOGIA**

O presente estudo é de cunho quantitativo, e também possui um caráter transversal, nesse tipo de estudo todas as medições são feitas num único momento (CASTRO, 2001). Foi utilizado um questionário apropriado para adolescentes. Inicialmente solicitou-se na 5ª Coordenadoria Regional de Educação um ofício, no caso, uma apresentação, a qual foi encaminhada à direção do IEEAB, para que a mesma autorizasse o estudo. Após ser autorizado realizou-se visita à escola, conversa com os professores, agendamento da data

de coleta e entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Durante a coleta de dados houve aplicação do questionário. Por fim, a transcrição e análise dos resultados realizou-se no programa STATA 14.1, e concluiu-se o trabalho para a entrega.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo indicam que os adolescentes do sexo masculino praticam mais AF durante a semana do que as adolescentes do sexo feminino e que há ações motivacionais do professor de EF nas aulas, diferente do que é observado fora do contexto escolar, onde o resultado é oposto.

Tais resultados vão ao encontro a outros estudos. Os estudos demonstram que as meninas têm maior probabilidade de serem inativas, como visto no estudo de CESCHINI et al. (2009, p. 305), no qual mostrou que as meninas são 48% mais inativas do que os meninos. No estudo de FARIAS JÚNIOR (2008, p.111), a prevalência de inatividade física foi mais elevada nas moças (64,2%) do que nos rapazes.

Seguindo nessa perspectiva, ao abordarmos a idade, não houve diferença significativa sobre a influência na AF, no qual o tempo de AF em adolescentes de 15 a 19 anos, varia entre 261 minutos e 325,3,7 minutos. Os resultados do presente estudo, assemelham-se ao que foi encontrado na literatura, por FARIAS JÚNIOR (2008), o qual observou que prevalência de inatividade física não apresentou tendência de crescimento linear com o avanço da idade, tanto nos meninos quanto nas meninas. Porém vão contra ao que foi encontrado no estudo de MÜLLER E SILVA (2013, p. 348) no que se refere à idade, verificaram que “os adolescentes mais velhos (16 - 19 anos) relataram a falta de local adequado como um empecilho à prática quando comparado aos adolescentes mais jovens”. Torna-se importante ressaltar que neste estudo não se buscou verificar quais as barreiras, e sim fatores específicos, como no caso, a idade.

Outra aspecto demográfico-biológico estudado foi a etnia, que também não mostrou diferença significativa quando associado com o tempo de AF. Ao observar a literatura, observa-se que os resultados foram contra ao encontrado, no estudo de KIMM et al. (2002), perceberam que há uma maior associação no declínio da atividade física entre meninas negras do que meninas brancas.

No que diz respeito aos fatores socioculturais, na família analisou-se que a maior parte dos adolescentes recebe influência familiar, embora que ainda uma maior parte não pratica atividades com os mesmos. No estudo de RAPHAELLI, et al. (2014), os principais resultados foram que adolescentes com irmãos mais novos que são inativos, fumam e consomem bebidas alcoólicas apresentaram maior probabilidade de serem fumantes, inativos e consumidores de bebidas alcoólicas ao serem comparados com os adolescentes cujos irmãos mais novos não possuíam esses comportamentos. Além disso, adolescentes com irmãos mais velhos que são inativos, fumam, ingerem bebidas alcoólicas e possuem excesso de peso, apresentaram adolescentes com maior prevalência desses comportamentos quando comparados com irmãos mais velhos sem esse comportamento.

Ao analisar-se a questão de amizade, outro aspecto sociocultural, percebeu-se que as respostas foram semelhantes, ou seja, a maioria é incentivada pelos amigos a praticar AF, mas a minoria pratica atividade com os mesmos. Este resultado corrobora com a afirmação de BÖS (1992), que descreve que a



atividade física e/ou esportiva regular é mais do que simplesmente um meio para se movimentar, mas ela representa, também, a oportunidade de fazer e sedimentar relações de amizade.

Outro fator relevante estudado, foi a relação do professor e suas ações motivacionais. Percebeu-se que a maioria dos resultados mostram que não há motivação do mesmo para as práticas de AF fora da escola. Porém, ao que diz respeito às ações motivacionais para as aulas de EF, a resposta foi positiva, ou seja, a maioria relatou que o professor os motiva a participar das aulas. Embora tenha sido constatado esse dado, no estudo de Ceschini et al. (2009), foi observado que metade dos adolescentes relataram não participar das aulas de educação física, sendo as meninas o grupo mais prevalente (78,2%).

Deste modo, segundo Chicati (2000, p.1), para o professor de Educação Física, a motivação, será ainda maior devido aos seus conteúdos necessitarem de maior motivação, e nem sempre os alunos se encontram prontos para algum tipo de atividade física.

Magill (1984) fala que o desejo de participar pode não estar presente no aluno inicialmente, pois a presença de influências externas, como por exemplo a frequência obrigatória, pode vir a ser uma motivação interna artificial. No entanto, nada impede que ele, ao estar realizando as atividades, possa desenvolver um “desejo interno” ou motivação para continuar.

Em relação à avaliação das aulas e do professor de EF, ambas as abordagens tinham as aulas e o professor de EF classificadas como “bom”. Nesse sentido, de acordo com Galvão (2002, p.65), o professor exerce uma função única dentro da escola. Ele é o elemento de ligação entre o contexto interno –, a escola, o contexto externo – a sociedade –, o conhecimento dinâmico e o aluno. De acordo com Cunha (1996), as atribuições do professor não se encontram claramente definidas e nem valorizadas. Além disso, não podemos nos esquecer de que o professor é fruto de um determinado contexto histórico e social. Vários estudos abordam esse tema para questionar, principalmente, a formação acadêmica dos professores, pois o bom desempenho das suas funções depende, em parte, de como ocorreu essa formação. Diz-se em parte pois, além dessa formação, é necessário observar as características da personalidade de cada indivíduo. Além disso, de acordo com levantamentos feitos por Darido (1996) em seu estudo, nem sempre os conhecimentos adquiridos na formação são utilizados, durante a prática pedagógica, pelos professores de Educação Física.

#### 4. CONCLUSÕES

Através desse estudo foi possível concluir que os adolescentes do sexo masculino são mais ativos do que as adolescentes do sexo feminino. Em relação à etnia, não se constatou diferenças com significância no tempo de AF. Ao falarmos da idade, o presente estudo também não encontrou diferença significativa. De acordo com os aspectos socioculturais, família e amigos, verificou-se que grande parte dos adolescentes recebe influência da família e amigos, mas a maioria não pratica AF com os mesmos. Por fim, no que diz respeito ao professor e as aulas de EF, comprovou-se que há ações motivacionais para a participação nas aulas, embora a resposta em relação à motivação para AF fora da escola tenha sido negativa. Isso mostra que as aulas de EF não tem influência na prática de AF, pois relacionando as respostas, vê-se



o incentivo nas aulas, mas fora do contexto escolar não. No que concerne a avaliação das aulas e do professor de EF, classificou-se ambos em “bom”.

Contudo, percebe-se que o adolescente está sujeito a diversas mudanças e interferências do meio, e nesse caso é o momento em que a escola pode agir de forma que o auxilie na compreensão do que está acontecendo à sua volta. No entanto, sabe-se que na maioria das vezes isso não ocorre, devido a algumas dificuldades. Por fim, o professor acaba por ser um “mediador”, e mais especificamente, para o professor de Educação Física essa tarefa pode ser ainda maior pois seus conteúdos necessitam de maior motivação, além disso algumas vezes os alunos não estão prontos para algumas atividades físicas decorrentes de diversos motivos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÖS, K., et al. **Gesundheitsförderung durch bewegung, spiel und sport: ziele und methoden des gesundheitssports in der klinik.** Erlangen: Perimed-Fachbuch, 1992;

CASTRO AA. **Planejamento da Pesquisa.** São Paulo: AAC; 2001;

CESCHINI FL, FLORINDO AA, BENÍCIO MHD'A. **Nível de atividade física em adolescentes de uma região de elevado índice de vulnerabilidade juvenil.** Rev Bras Ci e Mov. 2007; 15:67-78;

CHICATI, K.C. **Motivação Nas Aulas De Educação Física No Ensino Médio.** 2000. Monografia (Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá) – Curso de Pós-graduação, Universidade Norte do Paraná.);

CUNHA. M. I. **O bom professor e sua prática.** 6. ed. Campinas: Papirus, 1996. Nf;

DARIDO, S. C. **Ação pedagógica do professor de Educação Física:** estudo de um tipo de formação profissional científica. 1996. nf. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, U.S.P, 1996;

FARIAS JÚNIOR, JOSÉ CAZUZA DE. **"Associação entre prevalência de inatividade física e indicadores de condição socioeconômica em adolescentes."** Rev. bras. med. esporte 14.2 (2008): 109-114;

GALVÃO, Z. **A interação professor-aluno em aulas de Educação Física Escolar.** 1999. nf. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, UNESP, Rio Claro 1999;

KIMM, S.Y. et al. **Decline in physical activity in black and white girls adolescents.** N. Eng. J. Med. Vo. 347, n. 10, pag. 709 - 715, 2002;

MAGILL, Richard A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações.** São Paulo: E. Blücher, 1984;

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Physical activity Fact sheet N°385 Updated January 2015.** <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs385/en/>. Acesso em: 08 dez. 2015;

RAPHAELLI, C., NAKAMURA, P., AZEVEDO JÚNIOR, M., & HALLAL, P. (2015). **Comportamentos de risco à saúde de irmãos e sua influência nos adolescentes.** Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, 19(6), 744.